

FOLCO MARTINAZZOLI — *Ethos ed Eros nella poesia greca.*

Firenze, «La Nuova Italia» Editrice. x + 499 pp.

A ideia directriz desta obra é dada, à maneira de epigrafe, por uma transcrição de Nietzsche, em que se estabelece uma relação estreita entre literatura e moral.

Nas páginas de «Introduzione», define o Autor o seu conceito de «literatura». Não o restringe apenas à literatura grega, mas aplica-o a toda a literatura, independentemente de quaisquer fronteiras. Seguidamente, concretiza o seu ponto de vista com a análise a que submete algumas obras gregas, através dos nove capítulos que dedica ao assunto.

Na sua opinião, «se per letteratura s'intende un fenomeno di carattere sostanzialmente stilistico, descrittivo, verbale, è giustificato il disdegno in cui oggiogiorno — in modo palese o sottinteso — essa viene tenuta: disdegno codificato nelle frasi ironiche «fare della letteratura», «costui è un poeta» e via dicendo» (p. 14). Reagindo contra esta ideia falsa, define arte e literatura como «l'espressione — positiva o negativa — di un'esperienza di vita. Vale a dire, d'un'esperienza morale» (p. 16). E, como os problemas antigos continuam a ser os nossos, daí o interesse que nos oferece a literatura antiga.

O Prof. Martinazzoli reconhece no espírito helénico duas características fundamentais: a liberdade e a índole dialéctica. De facto, o povo grego era assaz vivo e artista para se sujeitar a imposições, do que provém uma liberdade máxima perante a existência, liberdade que, adverte ele, «ha saputo esser medico di se stessa» (p. 23). Quanto à dialéctica, considera-a como forma do pensamento do homem grego, e condição da

sua vitalidade: veja-se, como exemplo, o comportamento dos Gregos perante o problema moral do suicídio, que eles encararam sob todos os aspectos, esgotando as possíveis soluções humanas.

Esta tendência justifica assim o conhecimento vasto e profundo que o povo grego tem da vida (*humani nihil se alienum putare*).

Com penetrante argúcia, o Prof. Martinazzoli vê estas características — liberdade e dialéctica — projectadas na própria estrutura da língua grega; e conclui: a civilização helénica «da un certo punto di vista ( . . . ) non morì di vecchiaia; morì giovane, non per un vero svuotamento di valori, quanto soprattutto per l'esaurimento dovuto ad un enorme consumo, ad una vitalità eccessiva che s'era prodigata senza badare a spese — in uno sforzo dialettico che nulla lasciò d'intentato, in una gara d'emulazione, per la quale ciascuno si proponeva di superare sia pur d'un capello l'«exploit» del proprio predecessore» (pp. 45-46).

Exposta a orientação a que obedece o livro, aliás já vislumbrada no próprio título *Ethos ed Eros nella poesia greca*, o distinto helenista passa a analisar o conteúdo de algumas obras, no intuito de descortinar a interpretação da vida e a contribuição pessoal dos respectivos autores ao modo de viver helénico, visto que tais produções não foram ditadas por um propósito literário, mas brotaram da necessidade interior da vida.

Vem em primeiro lugar Hesíodo. A sua poesia está em estreita relação com os pensamentos do homem sobre as coisas circunstantes: a fadiga da existência, a justiça, a solidão humana na família e na sociedade, o cosmos. A atmosfera de ânsia, de luta, de tristeza, que ressuma da sua obra, documenta bem o drama interior de Hesíodo. Viveu de bem perto (ele próprio era agricultor) a vida dolorosa dos humildes da Beócia, proveniente de um desequilíbrio, de uma desigual distribuição de riqueza «tra pochissimi ricchi e moltissimi poveri» (p. 66). Atormenta-o, além da luta pela existência, o temor da dissolução social, a incerteza, a insegurança dos momentos de crise, a cujos efeitos desmoralizadores se juntam os conflitos individuais e familiares. Daí o seu pessimismo, que se manifesta nas considerações sobre o amor, a justiça e o mito. Do embate entre a sensibilidade de Hesíodo, a sua natural vocação poética e o ambiente ingrato, antipoético, em que viveu, brota o verdadeiro sentido e a profunda comoção da sua poesia, — que canta sentidamente a própria amargura da vida: «l'ingrato lavoro, la giustizia misconosciuta, la diffidenza e la solitudine morale, le tristi ambagi dell'esistenza, le faticose seminagioni condotte scrutando ogni tanto la volta celeste» (p. 83).

Outra figura, de grande actualidade, estudada pelo Prof. Martinazzoli, é Sólon, o legislador-poeta, que, ao aludir às paixões políticas e às lutas sociais do seu tempo, sugere o quadro da luta de classes e das desavenças políticas dos nossos dias. A sua poesia apaixonada dá vida aos problemas do indivíduo na comunidade. Foi um enérgico e imparcial defensor da justiça, que optimistamente concebia como uma certeza, não já a tormentosa ânsia de Hesíodo. Para ele, a justiça é um factor universal de coesão social e cósmica. Tal ideia, segundo Martinazzoli, foi simultaneamente a grandeza e o defeito da obra de Sólon. Homem de acção, repre-

sentante perfeito do aticismo, ele próprio define a sua arte como uma reprodução da vida: τὸν λόγον εἰδὼλον εἶναι τῶν ἔργων. Versando a questão do tema da Natureza na obra solónica, o Prof. Martinazzoli mostra que o poeta não o utiliza apenas como recurso estilístico, mas tem realmente o sentimento da Natureza. Em sóbrias, mas justas palavras, caracteriza des-tarte a poesia de Sólon: «affonda dunque le sue radici in ciò che ha di perenne il travaglio della società umana — nella sua lotta fra tirannia e libertà, fra tornaconto e onestà, fra individualismo sopraffattore d'un solo e individualismo sano di tutti i cittadini, fra lotta accanita di partiti e d'interessi e tregua civile, fra spirito settario e superiore saggezza.» (p. 166.) O seu *ethos* era a justiça igual para todos, — mas tanto os pobres como os ricos se mostraram ingratos para o homem que, com as suas leis, havia salvado a pátria.

O capítulo iv é dedicado ao estudo de Mimnermo, e logo de início o Autor alude à dificuldade de classificar os fragmentos poéticos, de aspectos aparentemente contraditórios. Expõe as teorias que se têm apresentado e critica as interpretações propostas. Depois de uma pesquisa e análise conscienciosa dos textos e outras fontes de informação, conclui ser impossível reduzir toda a lirica de Mimnermo ao elogio do φιλικὸς βίος. Pelo contrário, a lirica de Mimnermo tem carácter ético: basta ouvi-lo falar da velhice e escutar o seu grito de angústia perante a brevidade da juventude. Deste atentar no «disperante trapassare dalla gioventù alla vecchiaia, dalla bellezza alla deformità, dalla gioia al dolore, dall'inspirar attrattiva all'inspirar disgusto» (p. 192), provém o tom melancólico da sua lirica.

Outra feição do poeta, além da melancolia, é o sensualismo. Todavia, o prazer em Mimnermo, rectifica o Autor, é mais uma consequência do que uma premissa da sua concepção da juventude, — símbolo da inocência, cuja felicidade consiste precisamente em não saber distinguir o bem e o mal, o prazer e a dor.

No desejo de apresentar os factos em proporções justas e verdadeiras, prefere à expressão «mollezza asiatica», aplicada a Mimnermo, estoutra — «mollezza alessandrina» (p. 197), uma vez que esta, pondo de parte o anacronismo, traduz uma atitude intelectual e ética semelhante à helenística. De facto, Mimnermo, nos alvares da idade clássica, anuncia, em mais de um aspecto, o período helenístico.

Por esta afinidade entre o espírito de Mimnermo e o que mais tarde será o espírito alexandrino se justifica o influxo literário que Mimnermo exerceu nos poetas helenísticos. Ele estabelece, pois, a ligação entre dois mundos diferentes: «l'antico mondo omerico — dove la gloria di Achille porta su di sé, con l'ombra della morte, il compianto della gioventù troppo presto spenta, e il tardo mondo ellenistico, in cui apparve chiaro che la gloria vale meno d'un solo palpito di vollutà» (p. 206).

Sobre a lirica de Safo, confessa o Prof. Martinazzoli que lhe não interessa verificar a existência de um «rein Physiologisches» ou de um «rein Pathologisches», nem tão-pouco de um «rein Aesthetisches», que não é independente, mas tributário de um «conteúdo humano», antes sim exami-

nar o significado moral-espiritual do mundo lírico da poetisa de Lesbo, todo ele exuberante de experiência moral. E acentua que o problema, assim encarado, oferece mais interesse e perspectiva, tanto mais que o mundo lírico-moral da poetisa, por um lado, conduz a Platão e, por outro, «allo sviluppo della natura morale ellenica» (p. 216).

Com Safo vemos afirmar-se a feminilidade, maltratada desde a idade homérica, e que nos requintes apaixonados da lírica de Safo trouxe uma solução ao problema da vida. Na pesquisa dos traços dessa feminilidade, que são as constantes mais características do eterno feminino, o Autor aponta, entre outros, a tendência a considerar a natureza como um estado de alma interior; o instinto materno; a hostilidade de Safo para com as cortesãs; a antifilosofia da poetisa, para quem o Amor era o único fruto das núpcias do Céu e da Terra (*Ἀπολλώνιος μὲν Ἀφροδίτης τὴν Ἔρωτα γενναλογαῖ, Σαπφῶ δὲ Ἰῆς καὶ Οὐρανῶ*); o subjectivismo que faz do amor a razão única da vida, o único valor verdadeiro; a sua religiosidade, em função da beleza; e ainda a expressão que dá ao efeito físico da paixão, que não ao desejo de prazer físico. Safo é uma passional pura, com um elevado e constante poder de vibração. Para ela amor e vida identificam-se. Perante o amor são possíveis vários comportamentos: Martinazzoli descrimina-os e comenta-os, para concluir que o de Safo se caracteriza por «un'entusiastica, incondizionata accettazione della dipendenza amorosa» (p. 267).

Em Safo, existe, de facto, um mundo moral. Nele encontra-se o germe da construção espiritual de Platão. Prova-o o helenista com um confronto que estabelece entre Safo e Platão, por meio de uma argumentação precisa e raciocínio lúcido. Por outro lado, a intensidade do amor sáfico, que atinge uma vibração máxima, amor «gravido di sviluppi» (p. 279), tem em si mesmo um factor de desequilíbrio, um elemento dionísíaco.

Passando a referir-se a Anacreonte, Martinazzoli disserta sobre a influência extraordinária que teve entre os Gregos o elemento visivo, como parte integrante da espiritualidade helénica. Considera-o factor decisivo da trajectória que conduz da *φύσις* à *ἰδέα*. O facto de a península helénica oferecer uma paisagem privilegiada educou os Gregos, habituando-os a uma visão bela das coisas. Ora Anacreonte foi um «visivo», e esta circunstância vai influir no seu conceito de amor, bem diferente do de Safo (fenómeno interior que domina inteiramente o corpo e a alma), visto que para ele «l'eros è più exteriorizzato, poichè esso continua ad ardere in virtù di quel fattore visivo da cui ha ricevuto l'iniziale accensione» (p. 299).

A complexidade do ambiente em que viveu Anacreonte, e que o Prof. Martinazzoli analisa a pp. 305-307, reflecte-se na sua obra. Assim, a sua tendência para a comicidade combina-se com um temperamento inclinado ao desânimo. Anacreonte ri da própria dor, que é, não obstante, o substrato mais fundo da sua lírica.

Estuda o Autor o tema do vinho em Anacreonte, vinho que o poeta louva como fonte de prazer, sem cair no excesso; e busca profundar a serenidade e leveza do espírito do poeta, no intuito de vislumbrar as



características do *ethos* anacreôntico — *χαρίεν ἦτορ* —, a atitude perante o amor, a morte, a riqueza, o estilo da sua voluptuosidade. Em conclusão, segundo Martinazzoli, conviria antes chamar ao poeta um «raffinato» que um voluptuoso: «E il punto più alto e significativo della sua raffinatezza, il lato per noi più interessante del suo culto per la voluttà consiste appunto nel limite ch'egli pone alla voluttà stessa.» (p. 334.)

No cap. vii fala-nos de Píndaro. Alude à sua facilidade poética, que aos antigos tantos encómios mereceu e de que o próprio poeta teve consciência. Dada a riqueza de meios metafóricos e expressivos, aceita o conceito de Bignone, «pensare in immagini», aplicado a Píndaro, e indica os motivos que podem explicar esta capacidade plástica. Píndaro sente-se orgulhosamente poeta; vota à poesia verdadeiro culto religioso. Sente em si uma infinita possibilidade de canto, um forte impulso poético. A sua poesia, se por um lado brota espontânea da inspiração, por outro é «un elemento riflesso nel suo culto per la propria poesia, vale a dire che c'è un elemento riflesso nella sua ispirazione e quindi in tutta la sua opera» (p. 346).

O elemento pessoal é o substrato da poesia de Píndaro, e, a propósito, Martinazzoli estuda a questão do conflito entre a teoria pindárica da inspiração e a ocasião do epinício, defendendo a opinião de que a poesia de Píndaro supera a «oportunidade». É o traço pessoal que, no meio da *ποικιλία* dos elementos, dá unidade à poesia de Píndaro.

Da consciência da riqueza interior nasce a tendência egocêntrica para o isolamento, aristocrático, como lhe chama o Autor (p. 356). O culto da personalidade em Píndaro vem interferir na evolução espiritual para o individualismo. Para Píndaro *poiesis* e *ethos* são interdependentes.

Com Calímaco (cap. viii) assiste-se ao declínio da poesia. O poeta procura compensar a falta de inspiração com o estendal da erudição, espírito investigador das causas, já presente em Hesíodo. O «por que motivo» é a constante da poesia de Calímaco. Todavia, acentua o Autor, é grande a diferença entre Hesíodo e Calímaco. Para este, a poesia é apenas «un tormento puramente espressivo, tecnico» (p. 374), em que não transparece um interesse filosófico-moral.

Tal atitude revela, pois, uma inversão de valores que, na fase heleenística, sobrepõe ao verdadeiro interesse pela vida a actividade artística isolada da vida, a «ars gratia artis». Assim, não se pode falar no mundo de Calímaco, mas na arte de Calímaco, a qual se ressentia da falta de vibração, da ausência de um abalo interior. Calímaco disfarça a pobreza de ressonância íntima com uma grande variedade de meios verbais. A sua poesia tende para a erudição (evolução que Martinazzoli supõe relacionada com a condição económica e social do poeta): — é este o único elemento patético e pessoal da lírica de Calímaco. Ele assiste dentro de si à morte da sua própria poesia, que repudia para se refugiar na erudição.

Sobre as *Anacreônticas*, o Autor põe em relevo o erro que tem vingado desde a antiguidade em atribuir tais composições a Anacreonte, cuja contribuição, se a houve, foi mínima. São antes fruto da colaboração de um

núcleo de poetas que vão do período helenístico-romano ao período bizantino. É escasso o seu valor literário, embora se reconheça de quando em quando «qualche calore lirico» (p. 417) e «una certa grazia di particolari» (p. 418). Há nelas, contudo, certa unidade, posto que a obra seja de elaboração colectiva.

Conservam ainda lampejos da tradição clássica: basta citar o exemplo da persistência do tema do prazer e da morte em tais composições, tema frequente da ética pagã. Ao falar do hedonismo, o Prof. Martinazzoli estabelece a diferença entre o espírito de prazer antigo e o moderno, e insurge-se com o modo de considerar as *Anacreônticas* como poesia da irreflectida alegria de viver, quando, afinal, a insistência do tema da morte e a alusão ao problema moral do *τέρας* provam precisamente o contrário.

O livro fecha com um capítulo dedicado ao estudo de Longo.

De princípio alude Martinazzoli ao desinteresse dos Gregos pela biografia, e propõe a seguinte explicação:

«Il fatto è che, per i greci dell'epoca classica, l'autore s'identificava intero e senza residui con l'opera sua, la quale veniva così a polarizzare tutta l'attenzione del pubblico. Non era già per mancanza d'interesse psicologico o umano, che nessun greco sentiva bisogno di rivolgersi allo studio biografico dei singoli scrittori—per i greci—date le qualità costitutive e differenziali di schiettezza che sono proprie della letteratura greca rispetto a tutte le altre letterature, inficiate in partenza dall'imitazione e dalla retorica,—Omero s'identificava pienamente con il mondo omerico da lui creato e in esso si risolveva per così dire senza residui.»

«Esiado era totalmente rappresentato dal suo mundo di tormentata poesia; Eschilo era tutto nella sua tragica religiosità, e così via» (pp. 439-440.)

Na decadência, com a tendência para a investigação erudita, desperta o interesse pela biografia.

O romance de Longo *Τὸ κατὰ Δάφνιν καὶ Χλόην* supera todos os outros romances gregos pelo seu conteúdo artístico e humano. É o único representante do romance bucólico. O entrecho baseia-se na evolução psicofisiológica que o amor opera nos dois pastores.

Têm sido formuladas várias conjecturas acerca da figura de Longo. Martinazzoli apresenta-as, mas repudia tal questão, por lhe parecer de somenos importância, e dedica-se antes à análise do estilo de Longo, — exagero da tendência grega para a simetria. Ventila a questão de saber se o estilo de Longo pode fornecer indicações cronológicas. Procura descobrir o verdadeiro significado do romance, pois não lhe parece possível atribuí-lo a um «semplice capriccio poetico e letterario d'uno scrittore della decadenza» (p. 452).

Refere-se à cultura literária e mística de Longo. Interpreta a religiosidade do romance como um processo para dar a cor local ao seu ambiente rústico, pagão e primitivo, e não como uma ressonância íntima de Longo.

Diz-nos que há um *ethos* que anima a arte e o estilo de Longo. Em correlação com a tendência para o ingênuo e o primitivo, o escritor tenta esconder a própria cultura. Tal atitude é um meio de evasão do seu tempo: «l'evasione verso l'ambiente campagnuolo, verso la vita di campagna intesa non solo come contatto estetico con la natura ma come tipo di vita moralmente preferibile, risuona fedelmente in Longo, e costituisce un presupposto in lui fondamentale.» (p. 462.) Como se trata de uma evasão para uma época indeterminada, ideal, daí a curiosa mistura de antigo e de moderno que se nota no estilo de Longo.

Examina o problema da pornografia de Longo. Condena tal expressão, a que prefere «Longo malizioso o salace», «tenendo presente che, data la morale ellenica, un Greco aveva tutto il diritto d'esser malizioso e salace» (p. 464).

É por necessidade pessoal, por tendência nostálgica para «ritemprare e per così dire riscaldare il proprio cuore e i proprii sensi» (p. 466), que Longo dá no seu idílio pastoril a representação, idealizada, do amor simples e ingênuo, no meio da pureza da Natureza. É ainda meio de evasão, revela preocupação ética: «Avrebbe egli seguito l'impulso a risalire verso le ingenue ed ardenti tonalità dell'antico eros, se non avesse risentito in sé, con i suoi problemi, l'ethos dell'epoca sua?» (p. 470.)

Oferece-se assim oportunidade ao Autor de se referir ao ambiente em que viveu Longo, terreno difícil, dada a incerteza que reina sobre a pátria e a vida do escritor. É admissível que vivesse num ambiente de intenso intercâmbio espiritual, «in un ambiente scettico, nel quale si neutralizzavano a vicenda i diversi fermenti d'una decadenza pur ricca e prodigiosa; ivi compresi quei fermenti cristiani che s'insinuavano — portati dalle speranze più varie e talora più opposte — nella membra dissolta del mondo classico» (p. 473).

Assim se explica o tom composto do romance, manifesto, por exemplo, na conclusão, imbuída de preocupação moralista, e ainda no «proêmio». Este aspecto híbrido denota bem uma atitude de compromisso entre dois mundos diferentes: o das ideias pagãs, em decadência, e o das novas ideias ascético-religiosas.

O silêncio de Longo sobre a sua época é propositado. A sua evasão foi um processo de reacção contra o mundo novo que surgia com a difusão do cristianismo, como manifestação não apenas religiosa, mas ainda política e social, impondo um novo estilo de vida. A nostalgia de Longo pelo passado, pelo estilo pagão que via definhar, comprazia-se nessa evasão para o passado, e, por isso, conclui Martinazzoli, ele é «una delle figure più vive e più patetiche nella decadenza del mondo classico» (p. 486).

Sucintamente referidas, são estas as questões versadas no livro do Prof. Folco Martinazzoli. Através do seu estudo, assistimos a uma ressurreição do mundo grego, com o seu tumultuar de ideias, sentimentos e costumes, desde o esplendor até ao declínio. Em suma, percorrendo-o, temos a sensação de conviver com os vários escritores analisados, justamente porque o Prof. Martinazzoli os apresenta, não como uma galeria de

múmias de museu, cronologicamente catalogadas, mas como seres humanos, com cabeça e coração, que se viram diante dos problemas da vida, idênticos aos nossos, e procuraram dar-lhes solução.

Trata-se de um livro de erudição vasta e profunda, ricamente documentado, sem se tornar por isso fatigante, mas antes de leitura agradável, porque o Autor não só conhece como sente «o *Ethos* e o *Eros* da poesia grega».

Interessa a todos os estudiosos da literatura da Grécia antiga e é sumamente proveitoso aos licenciados em Filologia Clássica, quer pelas sugestões apresentadas, quer pela imparcialidade dos juízos na análise e interpretação dos factos. Isento de preconceitos, busca apenas a Verdade e, para isso, procede como Plutarco diz ter agido Sólon: antes adaptar as leis às coisas do que as coisas às leis (1).

MARIA DO CARMO LAPIDO DE ABREU